

CAPÍTULO 5

Observação Social e Estudos de Caso Sociais*

O termo "estudo de caso" vem de uma tradição de pesquisa médica e psicológica, onde se refere a uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada; o método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de análise das ciências sociais.

O caso estudado em ciências sociais é tipicamente não o de um indivíduo, mas sim de uma organização ou comunidade. Já foram realizados estudos de caso de fenômenos tão amplamente variados quanto cidades industriais¹, bairros urbanos², fábricas³, hospitais mentais⁴, e as interligações entre bairros pobres, política e contravenção.⁵ Os estudos de caso individuais também são, é claro, realizados por cientistas sociais, sobretudo na forma de

* Reimpresso com a permissão do editor da *International Encyclopedia of Social Sciences*, David L. Sills, org., volume 14, páginas 232-8. Copyright © 1968 by Crowell Collier and Macmillan, Inc.

¹ Everett C. Hughes, *French Canada in Transition* (Chicago: University of Chicago Press, 1943).

² Herbert J. Gans, *The Urban Villagers* (Nova York: Free Press, 1962).

³ Melville Dalton, *Men Who Manage* (Nova York: John Wiley and Sons, 1959).

⁴ Erving Goffman, *Asylums* (Chicago: Aldine Publishing Co., 1961).

⁵ William F. Whyte, *Street Corner Society* (Chicago: University of Chicago Press, 1943).

história de vida; mas tais estudos, embora muitas vezes realizados por uma geração anterior de sociólogos e psicólogos⁶, são hoje em dia relativamente raros.⁷

O cientista social que realiza um estudo de caso de uma comunidade ou organização tipicamente faz uso do método de observação participante em uma de suas muitas variações, muitas vezes em ligação com outros métodos mais estruturados, tais como entrevistas. A observação dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar, e portanto é um método bem adequado aos propósitos do estudo de caso.

OBJETIVOS DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso geralmente tem um propósito duplo. Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais.

Por objetivar compreender todo o comportamento do grupo, o estudo de caso não pode ser concebido segundo uma mentalidade única para testar proposições gerais. Em contraste com o experimento de laboratório, o qual é concebido para testar uma ou poucas proposições intimamente relacionadas tão rigorosa e precisamente quanto possível, o estudo de caso tem que ser preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e descritivos. Os vários fenômenos revelados pelas observações

⁶ Ver William I. Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America*, 2.^a ed. (Nova York: Alfred A. Knopf, 1927), 1931-2244; Clifford R. Shaw, ed., *The Jack-Roller* (Chicago: University of Chicago Press, 1930); e Chic Conwell, *The Professional Thief* (Chicago: University of Chicago Press, 1937).

⁷ Porten, ver Helen M. Hughes, org., *The Fantastic Lodge* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1961); e Henry Williamson, *Husler!* (Garden City, N.Y.: Doubleday and Co., 1965).

do investigador têm que ser todos incorporados ao seu relato do grupo e em seguida receber atribuição de relevância teórica.

Assim postos, os objetivos do estudo de caso mal podem ser conscientizados; é utópico supor que se pode ver, descrever e descrever a relevância teórica de tudo. Os investigadores tipicamente terminam se concentrando nuns poucos problemas que parecem ser de maior importância no grupo estudado — problemas que se ligam a muitos aspectos da vida e da estrutura do grupo. Desse modo, um estudo de comunidade⁸ pode vir a se concentrar nos problemas de industrialização e contato cultural, ou um estudo de um bairro urbano pode se concentrar na relação entre etnicidade e classe social.⁹

A meta abrangente do estudo de caso, contudo, mesmo que não seja alcançada, tem consequências importantes e úteis. Para o investigador para lidar com descobertas inesperadas e, de fato, exige que ele reorientar seu estudo à luz de tais desenvolvimentos. Força-o a considerar, por mais que de modo rudimentar, as múltiplas inter-relações dos fenômenos específicos que observa. Evita que ele faça pressuposições que podem se revelar incorretas sobre questões que são relevantes, ainda que tangenciais, para seus interesses principais. Isto acontece porque um estudo de caso quase sempre fornece alguns fatos para guiar estas pressuposições, enquanto os estudos com procedimentos de coleta de dados mais limitados são obrigados a pressupor o que o observador que faz o estudo de caso pode verificar.

Os objetivos do estudo de caso e os tipos de problema que geralmente coloca sugerem técnicas específicas de coleta e análise de dados. Depois de descrevê-las, consideraremos os usos, tanto científicos quanto de outra ordem, que podem ser feitos dos estudos de caso observacionais.

TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO

No processo de coleta de dados, o observador-participante se engaja em várias atividades diferentes. Pode-se distinguir diversas modalidades de procedimento, dependendo do grau no qual

⁸ Hughes, *op. cit.*

⁹ Gans, *op. cit.*

se é participante assim como observador.¹⁰ Num dos extremos, o observador pode não participar em absoluto, como quando ele se esconde atrás de uma tela que permite que ele veja os participantes, mas não permite que eles o vejam; no outro, ele pode ser um participante em caráter integral, morando na comunidade em estudo ou tendo um emprego de tempo integral na organização que estuda, e assim estando sujeito às mesmas chances de vida que qualquer outro membro do grupo. As técnicas específicas que usa são modeladas pelas exigências de desempenhar estes papéis diferentes; um observador oculto não pode entrevistar abertamente outros participantes, enquanto um observador conhecido pode descobrir que certos segredos do grupo são sistematicamente ocultos dele.

O observador se coloca na vida da comunidade de modo a poder ver, ao longo de um certo período de tempo, o que as pessoas normalmente fazem enquanto realizam seu conjunto diário de atividades. Ele registra suas observações o mais breve possível depois de fazê-las. Ele repara nos tipos de pessoas que interagem umas com as outras, o conteúdo e as consequências da interação, e como ela é discutida e avaliada pelos participantes e outros depois do evento. Ele tenta registrar este material tão completamente quanto possível por meio de relatos detalhados de ações, mapas de localização de pessoas enquanto atuam¹¹ e, é claro, transcrições literais das conversações.

O problema do bias

O observador tem o problema de tentar evitar ver apenas as coisas que estão de acordo com suas hipóteses implícitas ou explícitas.¹² Este tipo de *bias* pode ocorrer de várias maneiras. O observador, interagindo com aqueles que estuda em bases de longo prazo, acaba por conhecê-los como companheiros seres humanos além de como objeto de pesquisa; portanto, é difícil para ele

10 Raymond L. Gold, "Roles in Sociological Field Observations", *Social Forces* 36 (março de 1958), 217-23.

11 Ver Whyte, *op. cit.*

12 Ver a discussão sobre tendências em Morris Zelditch, Jr., "Some Methodological Problems of Field Studies", *American Journal of Sociology* 67 (março de 1962), 566-76.

evitar sentimentos de amizade, lealdade e obrigação, os quais o fazem querer proteger alguns membros do grupo, e assim não ver aqueles eventos que os tornariam passíveis de crítica. Algumas pessoas ou facções podem ver esta pesquisa como perigosa e tentar evitar que ele registre certos aspectos da atividade do grupo.¹³ Finalmente, ele pode achar que certos acontecimentos são tão desagradáveis ou pessoalmente perigosos (por exemplo, as atividades das redes homossexuais ou de conflito violento de gangues), que ele não está disposto ou teme permanecer suficientemente próximo dos participantes para ver o que realmente acontece.

O *bias* pode ser evitado reproduzindo cuidadosamente um relato completo de todos os eventos observados; buscando cobrir todas as *variedades* de eventos através de algum tipo de mecanismo de amostragem primitiva (fazer observações em momentos diferentes do dia ou do ano, procurar deliberadamente membros de grupos diferentes da comunidade ou da organização, e assim por diante); e formulando *hipóteses tentativas* à medida que o trabalho de campo prossegue e depois procurando deliberadamente casos negativos.¹⁴ Estes tópicos são abordados mais integralmente adiante.

Tipos de dados

O observador está particularmente alerta para incidentes de qualquer tipo que sejam definidos como conflito ou "problema" pela comunidade ou organização sendo estudada. Tais incidentes permitem que ele, com o máximo de rapidez, descubra as expectativas que guiam a interação; quando as expectativas são violadas, advém o problema. Vendo que tipos de ação produzem conflito, o observador pode inferir a existência de expectativas implícitas, as quais se tornam então parte de seu modelo analítico do grupo em estudo.

13 Ver Dalton, *op. cit.*

14 Esta é uma descrição generalizada do método de descrição analítica corporificado em Lindesmith, *op. cit.*, e discutido em Ralph H. Turner, "The Quest for Universals in Sociological Research", *American Sociological Review* 18 (dezembro de 1953), 604-11.

Ele está alerta também para as nuances de linguagem, tais como sentidos especiais dados a palavras comuns, pois isto sinaliza a existência de situações, eventos e pessoas que os membros do grupo consideram suficientemente distintos para merecerem ser linguisticamente caracterizados de modo específico, e desse modo dão uma indicação quanto aos problemas e reações características do grupo. Ao investigar o sentido e uso de um termo incommum, ao examinar instâncias de seu uso e ver quando ele se aplica e quando não se aplica, o observador enriquece seu modelo analítico.¹⁵

O observador não se limita à observação apenas. Ele pode também entrevistar membros do grupo, seja isoladamente ou em grupos. No primeiro caso, ele pode examinar as origens sociais e as experiências anteriores de um participante, assim como suas opiniões particulares sobre questões correntes. No último, ele está com efeito "penetrando" nos tipos habituais de comunicações correntes num grupo, vendo o que os membros dirão quando na companhia de outros membros. A diferença entre opinião particular e comunicação pública pode fornecer indicações importantes das normas do grupo.¹⁶

O observador também verificará que é útil coletar documentos e estatísticas (minutas de reuniões, relatórios anuais, recortes de jornal) gerados pela comunidade ou organização. Eles podem proporcionar um histórico útil, documentação necessária das condições de ação para um grupo (como num conjunto de regras codificadas) ou um registro conveniente de eventos e análises (como, por exemplo, quando um jornal de universidade registra os casamentos de estudantes, especificando sua posição na estrutura social do *campus*). Em todos os casos, o observador tem que examinar cuidadosamente como os documentos com que ele trabalha foram criados; por quem, seguindo que procedimentos, e para que propósitos?

¹⁵ Ver Howard S. Becker e Blanche Geer, "Participant Observation and Interviewing: A Comparison", *Human Organization* 16 (outono de 1957), 28-32.

¹⁶ Um uso instrutivo de tais dados está contido em Raymond L. Gorden, "Interaction Between Attitude and the Definition of the Situation in the Expression of Opinion", *American Sociological Review* 17 (fevereiro de 1952), 50-8.

tos? Pois é claro que os documentos não podem ser aceitos pelo seu valor de face, mas têm que ser interpretados à luz de tais considerações.¹⁷

O observador pode também criar suas próprias estatísticas para a solução de problemas específicos. Portanto, pode-se observar o número de vezes que as pessoas de um escritório pedem conselhos uns aos outros,¹⁸ ou pode-se fazer registros precisos da própria produção em etapas numa oficina de máquinas, a fim de usá-los como uma indicação do que é possível para o membro médio do grupo.¹⁹

TÉCNICAS DE ANÁLISE

É um truismo dizer que os procedimentos de análise e teste tomam sua forma a partir do problema que se está tentando resolver. É mais importante indicar a variedade de problemas tipicamente encontrados na análise de material oriundo da observação e os meios pelos quais eles podem ser resolvidos.

Os materiais de observação, uma vez que são geralmente reunidos durante um longo período de tempo, podem ser analisados sequencialmente. Isto é, a análise não precisa esperar pelo término da coleta de dados, mas pode se realizar paralelamente a ela; resultados de análises anteriores podem ser usados para dirigir outras operações de coleta de dados. Problemas diferentes surgem nos diferentes estágios da pesquisa.

Escolha do problema

No início, o pesquisador pode não ter certeza de que problema é o que mais merece estudo na comunidade ou organização na qual está trabalhando; ele dedica seus primeiros esforços analíticos à descoberta de problemas dignos de atenção e de hipóteses

¹⁷ Para maiores discussões, ver John I. Kirsuse e Aaron V. Cicourel, "A Note on the Uses of Official Statistics", *Social Problems* 11 (outono de 1963), 131-9.

¹⁸ Como fez Peter Blau em *The Dynamics of Bureaucracy* (Chicago: University of Chicago Press, 1955), 99-130.

¹⁹ Como fez Donald Roy em "Quota Restriction and Goldbricking in a Machine Shop", *American Journal of Sociology* 57 (março de 1952), 427-42.

que se mostrarão mais úteis para abordá-los.²⁰ Os pesquisadores freqüentemente descobrem que o problema que eles se dispuseram a estudar não é tão importante quanto algum outro problema, ou só pode ser estudado no contexto de um outro problema que não haviam previsto estudar. Desse modo, Vidich e Bensman descobriram que o problema dos relacionamentos entre as comunidades rurais e os vários órgãos e instituições da sociedade de massas americana que afetam a vida rural só poderia ser compreendido se se investigasse também como a comunidade e seus membros eram capazes de funcionar a despeito do fato de que seu ambiente social imediato negava abertamente suas crenças básicas.²¹

Ao selecionar problemas, hipóteses e conceitos, o investigador trabalha a partir de resultados concretos obtidos anteriormente na pesquisa. Tipicamente, ele descobre que um dado evento ocorreu, talvez apenas um, e pergunta qual o significado que tal evento poderia ter. Pode ser um incidente de conflito ou do tipo de nuance linguística já mencionados anteriormente. O que quer que seja, o investigador tem que primeiro se certificar de que o evento realmente é o que parece ser, e depois delinear suas possíveis implicações teóricas. O primeiro problema exige que ele avalie se as pessoas o podem estar enganando consciente ou inconscientemente; isto pode ser verificado através de uma avaliação do evento que desperta sua curiosidade para determinar se foi fabricado para seu proveito, ou se teria ocorrido do mesmo modo, mesmo que ele não estivesse lá. Por exemplo, uma declaração espontânea de um informante que não sabe o que o observador está procurando pode receber mais peso do que uma que foi influenciada pelas perguntas condutoras do observador. Da mesma forma, um evento que ocorre num contexto institucional comum, sujeito a todas as restrições daquele contexto, pode receber mais peso do que um que ocorra sem ser observado por outros membros do grupo.

O observador então delinea as possíveis implicações teóricas

²⁰ Uma exploração detalhada deste processo está contida em Blanche Geer, "First Days in the Field", in Phillip E. Hammond, org., *Sociologists at Work* (Nova York: Basic Books, 1964), 322-34.

²¹ Arthur J. Vidich e Joseph Bensman, *Small Town in Mass Society* (Princeton: Princeton University Press, 1958).

de seus achados, considerando de que classe de eventos poderiam ser representativos, e fazendo uso desta teoria, na medida em que é criada sobre aquela classe de eventos, para deduzir outras proposições. Por exemplo, se se ouve um empregado numa profissão de serviços categorizar os membros de sua clientela, pode-se aplicar a proposição de que tal categorização será baseada nos problemas que os clientes de vários tipos colocam para o empregado que tenta realizar suas metas ocupacionais. (Os professores, por exemplo, distinguem os alunos de acordo com a dificuldade existente para ensiná-los e discipliná-los; os médicos distinguem os pacientes segundo a facilidade de curá-los, a pontualidade de seus pagamentos, e assim por diante.) Trabalhando a partir disso, o observador começa a procurar os problemas básicos implícitos no conjunto de categorias e a maneira pela qual eles afetam os trabalhadores em diferentes estágios da carreira. Obviamente que um grande número de teorias pode ser aplicado para discriminar as observações, a fim de extrair suas implicações e usá-las para dirigir observações posteriores.

Método quase-estatístico

Numa fase posterior, o observador, tendo decidido, pelo menos provisoriamente, o que ele estudará na situação em questão, e que aparato teórico usará, está interessado em saber se seus resultados iniciais são válidos para toda a comunidade ou organização. Seus dados normalmente não serão, a não ser que tenham sido coletados especificamente para este propósito, suficientemente sistemáticos para permitirem a manipulação estatística. Porém, ele pode gerar o que tem sido chamado de "quase-estatística"²², isto é, números que resultam da amostragem e enumeração imprecisas contidas em seus dados. Estes dados são geralmente bastante adequados para os pontos que quer demonstrar.

Particularmente, a quase-estatística pode permitir que o investigador abandone certas hipóteses nulas problemáticas. Uma

²² Ver Allen H. Barton e Paul F. Lazarsfeld, "Some Functions of Qualitative Analysis in Social Research", in S. M. Lipset e Neil J. Smelser, orgs., *Sociology: The Progress of a Decade* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1961), 95-122.

simples contagem de frequência do número de vezes que um dado fenômeno aparece pode tornar insustentável a hipótese nula de que o fenômeno é infreqüente. Uma comparação entre o número de tais ocorrências e o número de casos negativos — instâncias nas quais algum fenômeno alternativo que não estava previsto por sua teoria aparece — pode tornar possível uma conclusão mais forte, sobretudo se a teoria foi suficientemente desenvolvida no início do período observacional para permitir uma busca sistemática de casos negativos. Do mesmo modo, uma investigação da variedade de situações coberta pelos dados do investigador pode permitir que ele negue a hipótese de que sua conclusão se restringe apenas a umas poucas situações, períodos de tempo ou tipos de pessoas da organização ou comunidade.

O problema técnico de criar quase-estatísticas reside em se certificar de que de fato se inspecionou todos os casos relevantes. Vários pesquisadores fabricaram esquemas para fazer isso.²³ O traço comum destes esquemas é a redução do corpo de dados, através da elaboração de um *abstract* das notas de campo que foram acumuladas, subdividindo-as em unidades pequenas e classificando cada unidade sob todas as categorias analíticas para as quais poderia ser relevante. Quando o investigador deseja analisar todo o material sobre uma determinada questão, seleciona suas unidades (as quais podem ser reproduzidas em *key-sort cards** para maior conveniência), retira os itens que forem irrelevantes e estrutura uma conclusão que leva em consideração todas as evidências relevantes remanescentes.

Uma das maiores falhas da maioria dos estudos de caso observacionais tem sido sua incapacidade de tornar explícita a base quase-estatística de suas conclusões. Mesmo que o investigador use procedimentos de enumeração e amostragem errôneos, suas evidências podem, não obstante, ser suficientes para garantir as conclusões a que chega, se ele afirma explicitamente qual é a

* Cartões perfurados como os utilizados nos primeiros tempos da computação em máquinas de grande porte (nota da revisora).

²³ Um esquema representativo é descrito em Howard S. Becker e Blanche Geer, "Participant Observation: The Analysis of Qualitative Field Data", in Richard N. Adams e Jack J. Preiss, orgs., *Human Organization Research: Field Relations and Techniques* (Homewood, Ill.: Dorsey Press, 1960), 267-89.

evidência e demonstra que suas conclusões estão relacionadas a ela. Particularmente, as conclusões podem parecer extremamente plausíveis²⁴ se forem sustentadas por diversos tipos de evidência ao mesmo tempo. Portanto, a conclusão de que os estudantes de Medicina utilizam de uma perspectiva baseada nos valores da experiência clínica e responsabilidade médica ganha maior plausibilidade quando se demonstra não apenas que o uso desta perspectiva é freqüente e aparece em uma ampla variedade de situações, mas também que as caracterizações dos pacientes feitas pelos estudantes dependem fortemente dos mesmos critérios.²⁵

Construção de modelos

Em consequência das fases iniciais da análise, o pesquisador adquire vários modelos limitados de partes da organização ou comunidade, proposições que descrevem um tipo de interação entre dois *status* em um tipo de situação. A fase final de um estudo de caso consiste no refinamento progressivo destes modelos, de partes (realizada pela verificação contínua em relação a evidências já disponíveis nas notas de campo ou recentemente coletadas no campo) e sua integração em um *modelo* da organização ou comunidade como um todo. O modelo fornece respostas para as questões teóricas do estudo e demonstra a contribuição de cada parte da estrutura analisada para a explicação do fenômeno em questão.

Os modelos da comunidade ou organização que resultam dos estudos de caso não devem ser confundidos com modelos matemáticos. Ao contrário, eles têm a mesma relação com o grupo estudado que a *história natural* de um processo (tal como o ciclo de relações raciais ou processo de se tornar um viciado em drogas) tem com qualquer conjunto específico de eventos que se diz car-

²⁴ Ver a análise de plausibilidade em George Polya, *Mathematics and Plausible Reasoning*, vol. 2, "Patterns of Plausible Inference" (Princeton: Princeton University Press, 1954).

²⁵ O exemplo vem de Howard S. Becker et al., *Boys in White: Student Culture in Medical School* (Chicago: University of Chicago Press, 1961), 338-40.

porificá-lo. Numa análise da história natural do processo, nós eliminamos a característica histórica única de várias instâncias do mesmo fenômeno, deixando como nosso resultado apenas as etapas genéricas do processo — aquelas etapas que sempre ocorriam se o mesmo resultado fosse encontrado. Do mesmo modo, em um estudo de caso da estrutura social, nós eliminamos o que é historicamente único e nos concentramos nas propriedades genéricas do grupo, visto como um exemplo de um tipo específico de estrutura. As relações entre as características essenciais desse tipo de estrutura são expressas por generalizações verbais. Por exemplo, poder-se-ia estudar uma prisão ou escola buscando descobrir quais são os *status* e formas características de interação numa instituição na qual uma classe de participantes está presente involuntariamente. O resultado seria um modelo que poderia também ser aplicado a outras instituições com as mesmas características, tais como hospitais mentais.

O problema da confiabilidade

A confiabilidade de tal análise é às vezes questionada de um modo equivocado, que joga com o sentido de "confiabilidade". A questão é colocada do seguinte modo: se repetísse o estudo, um outro observador produziria, com a mesma análise, o mesmo modo total? A resposta é obviamente que sim — mas apenas se ele usasse a mesma estruturação teórica e estivesse interessado nos mesmos problemas gerais, pois nem a estruturação teórica nem o problema principal escolhido para estudo são inerentes ao grupo estudado. Não obstante, dada a mesma estruturação básica — por exemplo, uma sociologia baseada em concepções de estrutura social, cultura e interação simbólica —, as mesmas partes fundamentais do grupo estudado seriam encontradas em um segundo estudo, mesmo que os problemas principais escolhidos para estudo sejam muito diferentes. Por exemplo, poder-se-ia estudar uma Escola de Medicina para descobrir como os estudantes mudam segundo sua experiência nela; isto seria um problema na teoria da socialização de adultos. Ou poder-se-ia, com igual justiça, escolher usar a Escola de Medicina como a arena para um estudo de como os especialistas cooperam uns com os outros numa tarefa comum, um problema da "política" de organizações com-

plexas. Em ambos os casos, um estudo completo descreveria necessariamente as mesmas relações básicas entre alunos, entre professores, entre alunos e professores, entre ambos e os pacientes, e assim por diante. Segundo se admite, o uso teórico para o qual a análise fosse posta modelaria o tipo de modelo estrutural construído, e um modelo construído para um determinado propósito poderia dar pouca importância ou ignorar elementos importantes do outro; mas os dois poderiam ser combinados, de modo que nenhum deles conteria qualquer elemento que fosse negado no outro.

O USO DE ESTUDOS BASEADOS EM OBSERVAÇÃO

Todo estudo de caso permite que nós façamos generalizações a respeito das relações entre os vários fenômenos estudados. Porém, como tem sido freqüentemente assinalado, um caso é, no fim das contas, apenas um caso. Suponha-se que alguns dos fatores mais importantes envolvidos na compreensão dos problemas teóricos específicos colocados por ele são tão invariáveis, que não temos consciência de sua importância. Como se pode descobrir sua importância?

O problema pode ser tratado (ou pode em princípio ser tratado) através da coleta de um grande número de casos e do "parcelamento" dos efeitos das várias influências. Em todo caso, este não é verdadeiramente um problema se assumirmos uma visão de longo prazo do desenvolvimento da teoria. Cada estudo pode revelar o papel de um diferente conjunto de condições ou variáveis, à medida que se descobre que elas variam em cada ambiente em estudo. No decorrer de uma série de estudos, a comparação de variações nas condições e consequências pode fornecer uma teoria altamente diferencial do fenômeno em estudo. Como exemplo simples, um estudo de comunidade poderia localizar seis classes sociais numa comunidade. Um estudo posterior, numa comunidade em certa medida diferente, revela apenas cinco, uma vez que a classe superior não chega a se dividir entre riqueza "velha" e "nova", a comparação dos dois pode demonstrar variações nas histórias ou posições ecológicas das comunidades que poderiam explicar a diferença, e a hipótese pode ainda ser testada em um terceiro estudo.

Análise comparativa: um exemplo

Para tomar um outro exemplo, alguns estudos de prisões²⁶ revelaram organizações elaboradas de internos em torno de questões relativas a privações; sempre que os internos eram privados de alguma coisa — posses materiais, sexo, autonomia —, desenvolviam práticas e unidades sociais concebidas para lidar com a privação da melhor maneira que pudessem nas condições da prisão. Como estes estudos iniciais foram todos realizados em prisões masculinas, não poderiam descobrir o que um estudo posterior de uma prisão feminina revelou: que a organização informal da prisão variava segundo o tipo de pessoa recrutada, porque as prisões diferem de acordo com o que a pessoa valoriza e, portanto, dão muito menos importância à autonomia do que os homens, não sentem falta disso e não desenvolvem um governo *sub rosa*; elas são, todavia, muito dependentes de laços afetivos íntimos, sentem uma falta intensa de suas famílias e desenvolvem ligações homossexuais como forma de organização informal.²⁷ Outros estudos poderiam demonstrar a influência da idade, região e outros fatores sobre a organização da vida na prisão. Uma série de comparações, baseadas nas variações do fenômeno,²⁸ mostram a influência de cada fator; cada estudo subsequente pode ser construído a partir das contribuições dos seus predecessores.

Desenvolver teoria através de análise comparativa é necessariamente um processo demorado. Os resultados comparativos levam anos para serem estabelecidos, pois cada estudo, por si mesmo, pode levar vários anos, e, para obter o máximo de efeito, os estudos devem ser construídos um a partir do outro, ao invés de serem feitos simultaneamente. O resultado pode ser uma compreensão detalhada da operação de um grande número de fatores e condições à medida que interagem para produzir resultados diferentes.

²⁶ Ver Gresham M. Sykes, *The Society of Captives* (Princeton: Princeton University Press, 1958) e Donald R. Cressey, org., *The Prison* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1961).

²⁷ Ver David A. Ward e Gene G. Kassebaum, *Women's Prison: Sex and Social Structure* (Chicago: Aldine Publishing Co., 1965) e Rose Giolombardo, *Society of Women* (Nova York: John Wiley and Sons, 1966).

Uma estratégia útil é formular as descobertas de cada estudo como proposições universais, mesmo que seja óbvio que são provisórias. Ao fazê-lo, o investigador torna possível identificar exceções às suas proposições e prosseguir da maneira mais eficiente possível com comparações frutíferas.²⁸

Uso prático de resultados de pesquisa

O estudo observacional de uma instituição ou comunidade pode ser (e freqüentemente é) usado por várias pessoas de várias maneiras, dependendo da sua posição no grupo ou em relação a ele e de seu interesse no funcionamento deste grupo. Nisto, ele não difere de outros tipos de pesquisa, mas difere sim, tipicamente, no número e diversidade de variáveis consideradas e na distância que a pesquisa alcança sob a superfície dos acontecimentos. Os estudos são freqüentemente empreendidos com o propósito secundário — quando não primário — de fornecer orientação para administradores e outros que possam desejar intervir na organização ou comunidade, a fim de mudar alguma condição considerada como ineficiente, desagradável ou prejudicial ao bem-estar do grupo. O estudo observacional é útil na identificação e especificação de tais problemas e na descoberta de suas origens e conseqüências em vários níveis e em várias partes do grupo.

Indicações para a Intervenção. O estudo observacional também torna possível ir além do problema conforme originalmente concebido por aqueles membros do grupo que queriam ajuda e descobrir outros problemas que, a partir de um ponto de vista diferente do deles, requerem ou justificam intervenção. Por exemplo, os funcionários de um sindicato autocraticamente dirigido podem não pensar que a ausência de uma democracia organizacional seja um problema, mas alguns dos membros ou um observador de fora podem ter uma visão diferente. Quanto mais o estudo se aprofunda e sai da superfície, maior probabilidade terá de descobrir problemas que não foram rotulados como tais pelos líderes do grupo.

Quaisquer que sejam os problemas identificados, a ampla va-

²⁸ Ver Lindesmith, *op. cit.*, e Turner, *op. cit.*

riedade abarcada pelo estudo de caso torna provável que ele tenha dicas ou sugestões quanto aos pontos cruciais da possível intervenção. Muitos estudos diagnosticam as "causas" de um problema e ainda assim não têm utilidade para a ação social, porque as causas descobertas não são acessíveis à manipulação pelas pessoas envolvidas. Portanto, mesmo que possa ser verdadeira a generalização de que a causa do vandalismo dos adolescentes reside nas experiências da primeira infância, saber isto tem pouco valor. É mais útil saber, através da observação minuciosa, que (como talvez seja o caso) o vandalismo ocorre com mais frequência em lugares onde não há iluminação nem vigilância ou se torna mais freqüente à medida que a certeza da detenção declina, pois estas questões estão mais sujeitas à ação corretiva da polícia e de outros agentes de controle social.

PROBLEMAS ÉTICOS DO PESQUISADOR

O relatório publicado de um estudo observacional pode ser usado, seja por membros do grupo ou por pessoas de fora, para envergonhar ou mesmo pôr em perigo a organização ou comunidade estudada, ou pelo menos seus líderes. Todo grupo preserva ficções sobre si mesmo — elas podem talvez ser necessárias para a continuação da existência do grupo —, que o apresentam como melhor em alguns sentidos do que a pesquisa sem preconceitos revelará que é. Uma cidade pode achar que seu governo é mais amplamente representativo do que é; um hospital pode pensar que seu tratamento de pacientes tem mais êxito do que de fato tem. Um estudo de caso está fadado a revelar a discrepância entre a realidade operacional e a imagem em que seus membros acreditam, e que apresentam para o resto do mundo. Quando os resultados do estudo são publicados, a discrepância fica publicamente atestada de uma maneira que os membros do grupo não podem ignorar. Seus inimigos podem fazer uso da oportunidade para envergonhá-los ou atacá-los. Os membros podem pedir que os resultados sejam retidos ou podem tentar coagir o pesquisador a suprimi-los.

O investigador consequentemente enfrenta um dilema ético. A ciência exige relatos francos e irrestritos, e as questões das quais os membros do grupo se queixam podem ser aspectos importantes

do funcionamento do grupo, cuja supressão enfraqueceria o relato e o privaria de importância científica. Por outro lado, o investigador certamente tem alguma obrigação de não causar danos àqueles que permitiram que ele os estudasse; ele pode, de fato, ter prometido a eles que não seriam prejudicados. Ao fazer a promessa, ele pode ter querido dizer meramente que não exporia nenhum *indivíduo* ao ridículo ou à retaliação — a maioria dos sociólogos provavelmente encara isso como um princípio ético fixo —, mas agora descobre que dele se está exigindo respeitar os mesmos escrúpulos no caso de um grupo.

A solução para o dilema depende em parte dos próprios compromissos éticos do investigador. Todavia, ele pode evitar algumas das dificuldades inerentes ao relacionamento de pesquisa, fazendo um acordo claro com aqueles que estuda antes de começar o trabalho, tomando o cuidado de alertá-los quanto a toda gama de possibilidades desagradáveis a que podem estar se expondo. Ele pode tentar também educar aqueles com maior probabilidade de se ofenderem com o relatório final, explicando a eles, à medida que o estudo prossegue, quais provavelmente serão as suas consequências e ajudando-os a encontrar uma forma viável de conviver com o estudo publicado.²⁹

²⁹ Ver Howard S. Becker, "Problems in the Publication of Field Studies" e "Whose Side Are We On?", em *Sociological Work: Method and Substance*.